tem a sua origem no assassinato, em 1960, de três mulheres dominicanas opostas ao regime do ditador Trujillo. Desde então, a concomitância desta data continua plena de vigência e significado para os movimentos de mulheres, como reflexão e denúncia das violências contra nós sob qualquer forma: psicológica, linguístico-cultural, econômica, sexual, física... Todas somos maltratadas desde o momento em que nascemos numa sociedade que nos opreme, nos explora, nos manipula e nos oculta quando lhe convém. As mulheres violentadas e assassinadas são só a ponta do icebergue de uma violência estrutural contra o nosso gênero, e visto assim, as cifras são brutais e vão em aumento, mesmo num país ocidental como a Galiza.

Onde está o avanço das mulheres e a igualdade tão cacarejada? Por que têm os governos que editar cada pouco novas medidas para apanhar uma violência que mata mais gente do que o conflito basco? Com esta comparação daremos-nos conta de que é evidente que valem as nossas vidas, comparando os meios (policiais, jurídicos, políticos) articulados para cada tipo de violência; podemos perceber que insuficientes e ineficazes são os famosos “pacotes” de medidas contra a chamada “violência doméstica”, nome que obvia as causas últimas e as análises feministas. Porque a violência não é medida em número de vítimas, senão pelo seu caráter anti-sistema. E a de gênero não vai contra o patriarcado, é parte consubstancial dele.

Estamos fartos de parches, e junto com a Marcha das Mulheres, acreditamos na necessidade de uma lei que amelhore realmente a situação. Ainda assim não será suficiente; as mulheres organizadas seguirem-nos a trabalhar para erradicar as nossas vidas qualquer tipo de violência, mas as instituições devem garantir-nos os direitos básicos, De ai o início, neste 25 de Novembro, da campanha que levará à apresentação de uma iniciativa legislativa popular para uma lei galega contra a violência de gênero. Uma lei feita por nós em diálogo com a sociedade, que produza debate e gere mobilização social, do qual consideramos cansada a iniciativa do PSE em parlamiento espanhol.

Desde o feminismo galego constatamos o aumento da violência de gênero; ainda que em certos temas de mulheres não existam estudos estatísticos ou investigações, pode-se apoiar no maior número de denúncias e casos conhecidos - e amiúde nunca bem esclarecidos -, de casos não conhecidos que chegam a nós; em que se reproduzem nas gerações novas, longe de se extinguir... Também sabemos por dados institucionais que em 2001, mais de 1500 galegas apresentaram denúncias por maus tratos, e 12.000 pediram assessoramento jurídico. E segundo a polícia, as denúncias representam menos de 10% dos casos - uma cifra sempre estimativa -... Galiza é a comunidade do Estado onde menos de denuncia; talvez podamos entender isto se sabermos que no rural falta informação e reflexo, e no interior só há uma casa de acolhida por província, em Pontevedra duas e em Corunha.

A situação a nível mundial vem marcada pela onda de valores conservadores, militaristas e fascistas; as atuações prepotentes e genocidas do governo dos EEUU na自驾 de

**O DIA INTERNACIONAL CONTRA A VIOLENCIA DE GÉNERO**

Johnesburgo ou cair o Iraque, a do governo russo cara, Chécia, a de Israel, são alguns exemplos. A ideologia da etapa belicista que vivemos e a sua carga de honra, vingança, ódio à diferença, a obediência... favorece também a violência contra as mulheres, especialmente as de países atacados mas também no "mundo civilizado". A VIOLENCIA DE GÉNERO DESAPARECERÁ DEFINITIVAMENTE QUANDO DESAPAREÇA O PATRIARCADO, E NESSE CAMINHO ESTAMOS, ACUMULANDO FORÇA, UMA FORÇA ESCONDIDA DENTRO DE MUITAS MAS REAL A Qual O PODER SEMPRE LHE TEMEU. POR VANESSA LORENTE. POR SILVIA BUSTO E TANTAS OUTRAS, LEVEM-NOS A RUA. UNAMOS A NOSSA RAIVA À DAS DEMAIS E FAGAMOS SABER QUE AS NOSSAS FERIDAS NAO SE CURAM COM PARCHES, MAS COM A LUTA UNIDA PARA A NOSSA LIBERTAÇÃO.
25 de NOVEMBRO, 
HOMENAGEM ÀS 
IRMÃS MIRABAL 

ESTA HISTÓRIA É HISTÓRIA 
DAS MULHERES. 

Começa numa estrada solitária da República Dominicana, passa por Colômbia, pela Rep. Federal Alemã e continua viva cada ano na Galiza, e em todos os lugares e mulheres que denunciamos as múltiplas formas de violência por razão de gênero.

A proclamação de 25 de Novembro como Dia Internacional Contra a Violência de Gênero data do ano 1987, mas as origens são de 1960, na República Dominicana. Este país vivia desde 1930 sob a ditadura do general Leonidas Trujillo, cujos soldados foram treinados pelos militares estadounidenses que ocuparam a ilha anteriormente; o exército e a banda conhecida como "La 42" perseguiam e assassinavam as pessoas opostas ao regime.

Esta ditadura também utilizou métodos machistas para se perpetuar no poder: o general escolhiu mulheres jovens e as conviria nas suas amantes, ameaçando a família com incitar os seus bens, ou, ainda pior, declará-los "inimigos" e perseguí-los como tal; em troco, elas eram investidas em "protetor" e faziam algum favor a famílias quando mudavam de amante, amanhece o seu casamento com algum militar que tinha que aceitar obrigatoriamente.

Um outro sistema que englobou foi o "compadrazgo"; neste país e outros da América Latina, a relação entre compadres e padrinho é muito importante socialmente, sendo uma das formas características do seu patriarcado. Entre os anos 50 e 60, ofereceu-se como padrinhos de todas as crianças, que recebiam um envelope com dinheiro. Assim, tinham miles de compadres e "os compadres não podem conspirar contra o padrinho" É típico dos ditadores apresentar-se como "pais" simbólicos da "Pátria", sendo estes claros exemplos em que se utiliza a estrutura do sistema patriarcal (privado, família) para reforçar o político (estado, exército).

Em 1959 constitui-se o movimento 14 de junho contra a ditadura, no qual participaram as três irmãs Mirabal: Minerva, Teresa e Patria, que pertenciam a famílias de classe média e foram educadas no cristianismo. Militavam numa célula com os nomes de Mariposa 1, Mariposa 2 e Mariposa 3, e entre as suas missões estavam as de receber e guardar armas, com o conseguinte risco para as suas vidas e a das suas famílias. O movimento foi descoberto em Janeiro de 1960 e centenas de militantes foram encarcerados/depósitos de sofrer torturas e vexações, entre elas as bolores. Em novembro de 2010, em Agosto passaram a ataque domiciliário, com licença para ir ver os maridos ao cárcere, um dia na semana. O Serviço de Inteligência Militar decidiu aproveitar a volta de uma destas visitas para assassínias. Em Novembro de 1960, no dia 25, foram assassinadas a golpes e estranguladas, e os seus cadáveres atirados a um precipício. Este acontecimento ocorreu no povo dominicano e a opinião internacional, acelerando a queda do regime ditatorial que se produziu totalmente no ano seguinte.

O 1º Encontro Feminista Latinoamericano e das Caraíbas, em 1981 em Bogotá, propôs fazer do 25 de Novembro um dia de reflexão e denúncia contra as diferentes formas de violência que sofrem as mulheres. Os países participantes acordaram impulsionar a celebração desta data. Em 1987, na Conferência Internacional da Mulher, organizada por Terre de Hommes na R.P.A., foi analisada a situação das mulheres, verificando que muitos dos seus problemas eram consequência das crises econômicas, políticas, ou da exploração e a militarização. Com tudo isto as participantes acordaram declarar 25 de Novembro como Dia Internacional pela não violência contra a mulher.

O MASSACRE DE MONTREAL
UM CASO DE VIOLENCIA DE GÉNERO

Em 6 de Dezembro de 1989, o moço de 25 anos Marc Lépine entrou na Escola de Engenharia da Universidade de Montreal com um rifle semi-automático. A primeira vítima foi assassinada num corredor; depois entrou numa sala e separou os homens das mulheres num ritual gerenciado similar ao de muitos conflitos armados, mas esta vez disparando contra as alunas alinhadas contra a parede, matando seis delas. A continuação subiu ao primeiro andar disparando às mulheres que encontrava, entrou na cafetaria onde deixou três mortas. Subiu ao terceiro, onde ninguém sabia nada, e entrou numa sala, fez a todo o mundo agachar-se baixo as mesas, ali matou quatro mulheres mais. Finalmente suicidou-se. Tras de si deixara catorze estudantes mortas, mais nove feridas e quatro feridos.

A nota encontrada sobre o seu corpo dizia: "Tomem nota de que se cometo suicídio hoje não é por razões económicas mas políticas. Por isso decidi mandar Ad Patres (aos Pais) às feministas que arruinaram a minha vida... As feministas sempre tiveram o talento de irritar-me...Querem reter as vantagens de ser mulher mentras tratam de arrebatar as dos homens... e tratam de subrepresentá-los cada vez que podem". Junto à carta havia uma listagem com 19 mulheres destacadas do Quebeque em profissões não tradicionais, entre elas a primeira mulher bombeiro. Debaixo escreveu: "Estas mulheres morrerão hoje (...) por falta de tempo estas feministas radicais vão sobreviver".

Deste homem soube-se que sofreira abusos na sua infância, e foi desfeito por pessoas conhecidas como solitário e volúvel. Foi rechagado na Forças Armadas canadenses, e também na escola de Engenharia, do que ele parecia culpar as políticas de ação positiva promovidas pelo feminismo.

Após o 6 de Dezembro, a pior massacre na história de Canadá produziu uma grande compreensão: declarou-se do oficial no Quebeque e o bandeira do parlamento canadiano ondeou a média hábito. A sociedade nunca examinara seriamente a violência de gênero antes dessas 14 mortes. Converteu-se em comemoração nacional a data de 6 de Dezembro, e criou-se um amplo movimento que continua vivo, assim como o debate de se foi um acto isolado ou um símbolo de violência de gênero. Como disse Judy Rebick, representante das mulheres que quebranhavas "se lisea matado 14 pessoas judeias, Lépine seria considerado um louco, mas também um anti-semita". Segundo Homens de Montreal contra o sexismo: "Os homens matam mulheres e crianças como um acto de propriedade, terrorismo e vingança... isto seguirá mentras não se acabe com o sexismo, a violência sexista e as escusas dos homens cara eles próprios". Depois do acontecido, aumentou o número de homens que agrediram as suas compañheiras recelosos da sua independência. Por outro lado, elabreu-se um currículo sobre violência de gênero nos níveis de ensino primário, secundário e universitário, usado em escolas do Canadá, dos EEUU e outros países.

Por último, o número de alunas matriculadas nas faculdades de Engenharia, longe de diminuir, seguiu a aumentar até duplicar-se 10 anos seguintes.

Fato que estes podermos entendê-lo como um acto extremo de ódio às mulheres e do terror do homem aos nossos avanços e a perder privilégios, tendo um alvo fácil a quem culpar dos seus problemas ou das crises sociais. Um acontecimento assim é excepcional, mas não o são as atitudes de alguns homens cara a presença de mulheres em carreiras e profissões tradicionalmente masculinas, chegando mesmo a lhes fazer a vida impossível. Ainda fica muito por fazer para eliminar estas concepções e atitudes de centros de ensino e de trabalho e chegar a uma verdadeira igualdade.
Vivemos tempos de mentira e confusão. Um grande altofalante funciona as 24 horas do dia indicando-nos o que é bo, o que é mau, o que é aceitável ou inaceitável, e tudo muda para fazer quadro as contas dos poderosos, que com a sua vara de medir conseguem enganar-nos. Umha vara de medir tam versátil que pode cambiar de forma, tamanho ou cor a conveniência. Para nós, as mulheres também está na vara de medir.

Assim, nom é o mesmo que Paquistán tenha uma bomba atomática, que em Iraque haja indícios de fabricação de armas perigosas. Nom é o mesmo chegar ao poder em Venezuela ou Brasil com a maioria dos votos emitidos e uma participação superior ao 70%, que ganhar umhas eleições em EEUU com a participação de tam só o 15% do eleitorado. Há terroristas que querem parar uma guerra como a de Chechenia, e há homens de bem e de estado que vam chorando sangue de povos que intentam exterminar...

Um informe apresentado recentemente diante do Conselho de Segurança de Nações Unidas assegura que centos de mulheres em Ruanda foram premeditadamente infectadas com o vírus da SIDA como arma de guerra. Em Cambodja, nenas de entre 13 e 14 anos som vendidas como escravas sexualis como resultado da pobreza agudizada pelos conflitos armados. Em Serra Leoa, nenas de acampamentos de refugiadas, foram sequestradas para converter-as em escravas sexuais. Em Colômbia, as mulheres das comunidades deslocadas, são vítimas das redes de traficantes... Mas o Conselho de Segurança nom parece reagir ante outra palavra que nom seja "iraque".

Em Nigeria, pola aplicação da Lei da Sharia, as mulheres, entre outros abusos e sofrimentos, som mortas a pedras por conceber um filho fora do matrimónio. A eleição de Miss Mundo vai-se celebrar na capital de Nigeria o próximo 7 de Dezembro, com o bolcote de apenas umha dezena de países. O governo nigeriano prometeu que ninguém mais morreria por lapidação, mas nom mencionou câmbio algúm na aplicação da Sharia. Este certame pretende aparecer diante da opinião pública como umha exaltação da beleza feminina, longe da manipulação patriarcal da imagem da mulher. EEUU vai enviar à sua representante porque depois de todo, Nigéria nom está incluída no "eixo do mal".

Começará a invassom de Iraque o 10 de Dezembro? Como é o Día Mundial dos Direitos Humanos...

quando os PROXENETAS fam-se chamar EMPRESÁRIOS, ainda que haja EMPRESÁRIOS que pareçam PROXENETAS.

Os proxenetas reunir-se no Barco de Valdeorras para celebrar a reuniom trimestral da associación Anel (Asociación Nacional de Locales de Alterne). Chegarom de todas partes do estado, a ocasiom nom era para menos. Na reuniom, com espectáculo de bailarina de sestrapease e cela incluídos, entreguémon-se dez prémios a instituições e pessoas destacadas na defesa da regularização deste tipo de exploração da prostituição. Um negócio que sabemos move miles de milhos de euros e se nutre do tráfico e exploração de mulheres, na sua maioria imigrantes.

A associación feminista ALECRIN, apresentou denúncia ante o Fiscal Geral do Estado contra várias das pessoas e instituições galardoadas neste acto, entre elas, o alcalde de O Barco, Alfredo Garcia; o de Veilín, Juan Manuel Jiménez Morán; o de Petim, Miguel Bauilista Carballo; o de O Bolo, Manuel Corzo Macias e a própria Unidade Central Operativa da Guardia Civil, premiada pela sua colaboração com ANELA.
ALECRIN desenvolve um trabalho de assistência directa a mulheres prostituídas e sabe muito bem qual é a realidade agachada detrás destes "locais de alterne", que parece ser contam com tanto apoio destes alcalides e de estamentos da Guardia Civil, mas que nom conseguem agachar debaixo desta nova face que o proxenetismo organizado quer apresentar. Desde estas linhas do Deliberadamente o nosso apoio para esta iniciativa.

Sabemos que dentro do Movimento Feminista em relação à prostituição há posturas encontradas. A linha abolicionista pola que apostou a nossa organizaçom, choca com a linha regulamentaria. Mentres esta última assegura que a prostituição pode chegar a ser uma eleição livre e constituir-se numha profissom mais, as abolicionistas seguimos a ver na prostituição a face mais crua do Patriarcado e apostamos por uma sociedade onde nom todo se pode mercur e vender, acreditamos em que o Mercado e as suas leis devem quedar fora das nossas camas, dos nossos corpos e dos nossos afectos. Nom se trata de enfrentar às prostitutás que digam querer seguir na prostituição com as feministas que queremos aboli-la, nem muito menos dumha postura puritana, trata-se simplemente da defesa dumhas relações sociais, sexuais e afectivas nom dependentes, dum modelo diferente de sociedade onde as mulheres nom estejam às vanda, porque se há algo que sim é "o mais velho do mundo" esse é o Patriarcado e a sua ideologia, que predica que as mulheres somos algo a possuir, bem polo matrimónio, bem pagando um preço em dinheiro, bem por relações de parentesco, bem pela força.

A tabela reivindicativa internacional da Marcha Mundial das Mulheres di no seu ponto sexto:

Que o Convenio de 1949 para a repressom e a aboliçom da trata de seres humanos e da exploração da prostituição do próximo, inclua um mecanismo de aplicação que tenha em conta os documentos recentes, como as duas resoluções da Assembleia Geral da ONU (1996), respeito ao tráfico de mulheres e de nenas, e à violência contra das mulheres imigrantes.

A tabela reivindicativa europeia, redigida por umha Comissom da Coordenção europeia da Marcha, e que começou recentemente o seu processo de discussom, contempla, no bloco dedicado à eliminação da violência, a seguinte redacção provisional:

Contra o proxenetismo e o tráfico de mulheres e de crianças. Exigiremos:

- Que seja ratificada por todos os países e aplicada efectivamente a Convenom para a repressom da Trata de Seres Humanos e de Exploraçom da prostituição do Próximo, do 2 de Dezembro de 1949.
- Que seja inscrita na legislaçom a possibilidade de perseguir aos naturals dum país, que sejam culpábeis de trusm sexual noutro país.
- Que seja aplicada a Carta Internacional de Turismo e o Código do Turista adoptados o 26 de Setembro de 1985 pola Organizom Mundial do Turismo: os organizadores de viagens para turismo sexual devem tambéem estar perseguidos.
- Que seja ratificada por todos os países e aplicada efectivamente, sobre todo na sua partida sobre prostituição, a Convenom para a eliminación de todas as formas de discriminaçom contra as mulheres e o seu protocolo adicional.

Na tabela reivindicativa galega, da que se dotou a Coordenadora Nacional galega da Marcha, aparecem dous pontos referidos concretamente à prostituição, pede-se a paralisom de todos os expedientes de extradiçom das mulheres prostituídas e campanhas de deslegitimaçom dos usuários da prostituição como cúmplices do comércio e exploração das mulheres, na linha, ainda que nom repressiva, do que se está a aplicar em Suécia.

Frente a todas estas reivindicções que polo de agora só estão nos papeis, existe a realidade que dia a dia vivem a maioria das mulheres prostituídas, sobre tudo o relacionado com a falta de direitos e cobertura social, e no caso da maioria de mulheres imigrantes, a indefensom é extrema. Cumpre avançar com passos concretos na melhoria das condições de vida das mulheres prostituídas, mas nom desde a perspectiva do benefício do proxeneto, do estado, ou dos usuários, senom desde os direitos que como pessoas nos pertencem a todas.

Ainda com as diferenças nas concepções abolicionista-regulamentaria que existem dentro do Feminismo, o que nos une é a denúncia do tráfico e exploração das mulheres. A associacóm Anela nom vai poder contar com as feministas para legitimar uma actividade que obtém o seu máximo beneficio com as redes do novo escravismo. Aí estamos unidas, por muito que os proxenetas queiram agora aparecer com a etiqueta de "empresários" igual que os traficantes de escravos e escravas faziam-se chamar "comerdiantes".

Lupe Cés
ESSA TONTARIA DA LINGUAGEM

Um idioma é a cosmovisom dumha comunidade de falantes. Cada idioma apreende-nos umha certa conceiçom do mundo e com ela transmite-se parte do pensamento, do jeito de agir e sentir que tem umha sociedade. Ao mesmo tempo a língua actua no interior da pessoa, servindo de veículo de articulaçom do pensamento conformando o que chamamos funçom de identidade.

A medida que apreendemos umha língua imo-nos informando do mundo que nos rodeia e a conceiçom da realidade que nos transmite vai condicionar as nossas formas de pensar, ser e estar.

Umha realidade social conformada polo patriarcado manifesta umha discriminaçom de género que se refilce numha conceiçom do mundo androcêntrica; o ser humano masculino considera-se como centro do universo e fai equivaler o masculino ao humano em geral.

Esta ordenaçom da sociedade patriarcal transmite-se por umha linguagem tambérm androcêntrica, onde o masculino (e estamos a falar quando o género gramatical se refere a homes e mulheres) tem duas valências: considera-se genérico, integrador, universalizador e, ao mesmo tempo, específico, só para os seres humanos de sexo masculino; polo tanto a utilizaçom quantitativa e qualitativa é enorme, configurando-se na "norma". O feminino só se vai utilizar como termo specifico para referir-se às mulheres, significa a excepçom, o residual, o outro, o que nom tem categoria abondo para abranger a toda a humanidade.

Esta posiçom assimétrica dá muitíssimo rendemento ao patriarcado assentando as suas bases: hierarquizom do masculino sobre o feminino, confusom muito propícia entre o masculino e o humano e oculta mento e silenciamento do feminino.

No estudo da adquisiçom da linguagem nos seres humanos nota-se em falta saber como actua na formaçom da personalidade das nenas esta categorizaçom da língua. Há umha aprendizagem que tenhem que fazer muito aginha e da que os nenos nom se tenhem por quê preocupar: quando o masculino é genérico e as engloba tambérm a elas e quando é específico e as exclue? Que confusom mental, que especie de esquizofrenia dá-se nas nenas tendo que aprender a diferenciar isto? Que vantages tenhem os nenos, desde tam cedo, sendo o paradigma de tudo, veiculizado tambérm pola linguagem?
Numha sociedade hierarquizada por géneros, o masculino, utilizado como universalizador remite inconscientemente ao pensamento de um referente masculino específico, ser humano do sexo masculino, ocultando o feminino e impregnando o pensamento das pessoas da inferioridade que supom este género (os homes, os trabalhadores, os vizinhas, os dirigentes, os estudosos...)

A utilização do masculino como universalizador vem sendo, deste jeito, uma agressão mais do patriarcado, mas ante as protestas feministas lembra-se-nos que devemos sentir-nos incluídas nesse masculino integrador da correta gramaticalmente e que o mundo nom vai mudar por empregar o feminino e o masculino tam contrário à economia da linguagem.

Que diríamos se nos apresentassem ante outros povos como pessoas espanholas? Nós, rapidamente pontolizariamos que somos galegas, ante o qual poderiam responder-nos que A Galiza já está incluída na Espanha. Consideraríamos isto como um silenciamento, como uma agressão ante o que somos. Expliriríamos que é uma imposição histórica e que, ainda que legalmente seja assim, nom concordamos com isso e estamos a lutar para que mude.

As mulheres vemo-nos abocadas a utilizar o masculino ainda quando só haja um integrante masculino dentro do grupo de falantes e, se nom é assim, aginba se escutam protestas ou rectificações. "Estamos todos?" "Quem é o director de centro" as mulheres temos a obriga de considerar normais estes enunciados, mas experimentade a empregá-los em feminino. A utilização do feminino como genérico causa risa, mas o que há que analisar é que nestes casos fom é a suposta "incorrecta utilização gramatical" o irrisório, senam a inclusão de alguém de género masculino dentro do que se considera socialmente um grupo inferior; ser mulher é rebaixar a categoria. Assim é certo que a mudança da língua nom vai mudar o mundo. Somos bem conscientes de que nom é tanto fácil, mas sim é obrigar-nos a mudar os esquemas mentais, descubrir onde está a discriminação oculta e buscar alternativas.

Os caminhos nom estão fechados, dam-se numerosas alternativas na fala e na escrita: arrobas @; estrelas j; reduplicações, "abertas e abertos"; termos mais genéricos, "os seres humanos", "a vizinhança"; a utilização de "pessoas" mais a qualificação a continuação, "as pessoas trabalhadoras"; a utilização do feminino como genérico ante grupos mistos para chamar a atenção sobre o problema, a utilização do feminino primeiro nas enumerações "companheiras e companheiros" (nas enumerações começa-se pelos termos mais importantes, seria, logo, uma medida de acção positiva); a proposta de que isto se faga por orde alfabética, "amiga e amigo" mas "assessor e assessora"... Poderíamos seguir falando de soluções linguísticas porque tudo isto ainda está fervendo na pota e nada é definitivo. Complicado? Na medida que precisamos pensar, sim; mas o que cumpre é ter vontade. A língua é algo vivo e maravilhoso que tem dentro da sua própria estrutura infinitas possibilidades e a imaginacão nom nos falta para criar um outro mundo nom patriarcal.

Pim Patinho Penya
"O EVIDENTE NOME EXISTE"

No passado mes de Novembro tiveron lugar em Vigo as primeiras Jornadas de Formação do Feminismo. Agora, Mulheres Nacionalistas Galegas em colaboração com a Concelharia da Mulher de Vigo edita "O evidente nome existe" o livro que recolhe todo o trabalho de estas jornadas.

Com este livro pretendemos: dar, aprender, comunicar e sobretudo situar-nos para encaixar-nos à procura da génese e as pegadas do que para nós é uma evidência que deve ser ultrapassada: o patriarcado.

"O patriarcado tentou silenciar a nossa voz. Fomos relegadas da construção de cosmogonias, das filosofias, das teorias científicas e econômicas, expulsas da educação, ocultadas da nossa história, desprezadas a nossa cultura feminina....

Mas as redes de mulheres fôram-se tecendo ao longo do tempo: somos muitas, com uma história que contar e uma libertação que fazer, com acertos a celebrar e erros a compreender e estendemos a nossa rede a quem queira tecê-la, porque precisamos ser muitas mais. Todas temos algo que dizer, todas temos algo que aprender, todas temos uma história que compartilhar."

AGENDA FEMINISTA GALEGA

Já está para sair um outro ano mais a Agenda Feminista Galega. Nesta ocassão, diante dos tempos que estamos a viver de forte tensão bélica e militarização geral da sociedade, queremos reafirmar o papel da mulher na luta antimilitarista, inseparável da luta antipatriarcal por quanto o militarismo, que atravessa toda a sociedade, supom a exploração deuns valores, práticas e crenças que baseiam e perpetuam o sistema patriarcal. A perspectiva feminista ponte de relevo que somos as mulheres as principais vítimas dumha sociedade militarizada já que estes valores-álcoves se assentam no machismo, na missoginia, agressão sexistas, obediência cega, na hierarquia.

Dende o feminismo nom podemos senom declarar o nosso rejeitamento ás guerras patriarcais e ao forte militarismo que nos está chegando dende os médios e dende os poderes económicos e políticos. Os últimos acontecimentos a nível mundial estan-se utilizando para gerar medo e justificar políticas repressivas e cortes de conquistas sociais utilizando o eufemismo da "seguridade". É assim que o militarismo se nos mostra como umha das melhores armas do sistema para manter e consolidar um sistema actual injusto.

As consequências desta ofensiva ideológica já estão diante de nós, os gastos militares priorizam-se fronte aos investimentos en servizos socials, educación, sanidade, promovendo-se mecanismos de repressão e controlo social e exacerbam-se ainda mais valores autoritários, machistas e insolidários.

Além destes aspectos, na Agenda do 2003 fará-se umha análise do papel das mulheres em movimentos antimilitaristas, em Galiza e outros povos, em conflictos armados e nos procesos de reconstrucción.